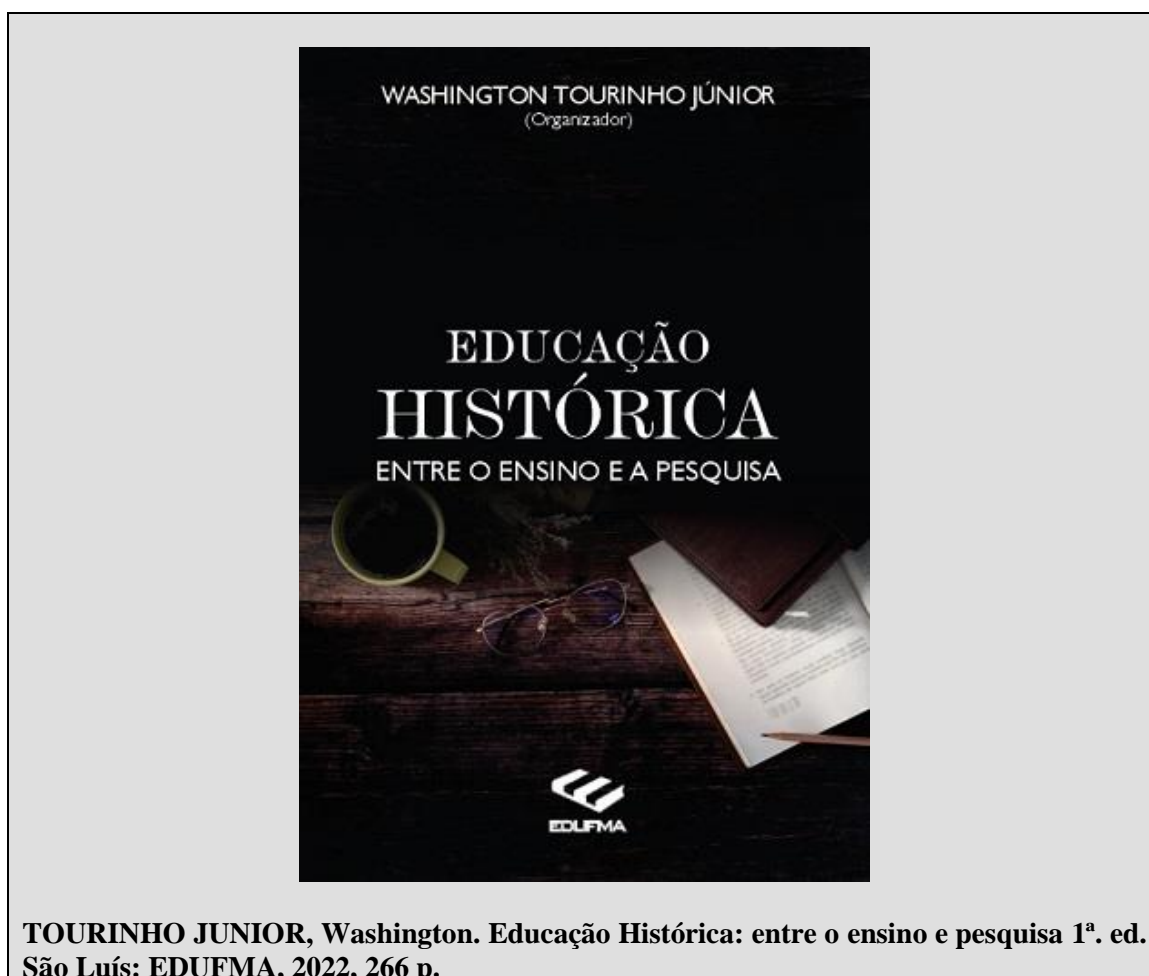


**RESENHA DE: “EDUCAÇÃO HISTÓRICA: ENTRE O
ENSINO E PESQUISA” POR DENILSON COSTA
PINHEIRO**

**Review of: “Historical Education: Between Teaching and
Research” By Denilson Costa Pinheiro**

Denilson Costa Pinheiro
Doutorando em História na Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0412-0317>
Email: denilson270998@gmail.com

Recebido em: 26/06/2023
Aprovado em: 29/07/2023



Esta é uma obra que dialoga com o cotidiano escolar, cultura histórica e as metodologias de aprendizagem presentes no ensino de História. Devido o organizador do livro, os orientadores e mestrados serem professores, torna o texto rico em experiências *desde* o ambiente escolar, permitindo uma aproximação e contribuição para outros profissionais que compartilham das mesmas vivências.

A coletânea surgiu a partir do esforço de docentes e discentes do Mestrado Profissional em Ensino de História – UFMA, visando estabelecer uma aproximação entre a Universidade e Ensino Básico. O programa de pós-graduação em questão atende essa deficiência no contexto educacional e tem como objetivo central a interação entre os espaços acadêmico e escolar através do desenvolvimento de pesquisas direcionadas especificamente ao campo do ensino e da qualificação de professores de História da rede básica.

Por se tratar de um livro que possui a contribuição de distintos autores, é trabalhado uma diversidade de temáticas que possuem como objetivo uma reflexão sobre o uso de estratégias e recursos didáticos. Para isso, é desenvolvido quadros de oficinas de História, utilização de filmes, músicas, games, *e-books* entre outros, apontando possíveis desempenhos ou obstáculos na aplicação da proposta pedagógica. Também é presente discussões como educação inclusiva, Educação Patrimonial, relações étnico-raciais, gênero e sexualidade.

Percebe-se que em todos os capítulos os autores tiveram como preocupação o levantamento de questões relacionadas à metodologia e teoria, esta última teve como destaque os aportes de Jörn Rüsen, teórico que analisa a questão da *Consciência Histórica*. Apesar da sua relevância teórica para o campo da Educação Histórica, o leitor que ler toda a obra notará uma constante repetição sobre o mesmo debate. Percebe-se também o debate historiográfico sobre as temáticas trabalhadas, em que os autores demonstraram bastante domínio. O uso do livro didático e as narrativas hegemônicas presentes nesse material e no currículo escolar, também foram problematizadas pelos autores, os quais almejam novas alternativas para o preenchimento de lacunas presentes no ensino de História.

Na *Introdução* da coletânea, que consiste em um texto intitulado *Ensino de História: um vasto campo de pesquisa*, escrito pelo Prof. Dr. Washington Tourinho Júnior, foi ressaltado a importância de ser trabalhado a consciência histórica do aluno, para que ele seja consciente da realidade da qual faz parte. Isso seria possível através do desenvolvimento de pesquisas no campo da Educação Histórica. Essa preocupação se encontra presente na proposta dos Mestrados e Doutorados Profissionais, onde materiais didáticos são produzidos para a educação básica por professores de História.

É interessante como o autor utilizando-se principalmente do aporte teórico de Jörn Rüsen apresenta ao leitor os conceitos de Consciência Histórica, Cultura Histórica e Espaço Escolar, os quais passam por constantes mudanças e reorganizações, e são importantes por orientarem a aprendizagem histórica e o posicionamento prático do aluno. Essa análise torna-se relevante devido a preocupação com a relação que se estabelece entre a História Acadêmica e História Escolar, as quais devem possuir uma relação de mão dupla, uma servindo de referência a outra. Essa conscientização é presente nos profissionais de História que atuam na educação básica e que possuem uma formação continuada em cursos de pós-graduação na área de ensino de História, os quais são importantes para a elaboração de materiais e procedimentos didáticos.

Os capítulos da coletânea *Educação Histórica: entre o ensino e a pesquisa* (2022) como já destacado anteriormente, apresentam primeiramente o aporte teórico que embasa o texto e os aspectos metodológicos referentes a cada pesquisa. Depois segue com uma proposta pedagógica, sua operacionalização e os resultados obtidos durante o desenvolvimento dos trabalhos. Além disso, os 11 capítulos deste livro são produto de pesquisas realizadas por pós-graduandos que atuam na educação básica em conjunto de seus orientadores.

O primeiro capítulo intitulado *Entre o Ensino e a Pesquisa: reflexões sobre a sala de aula de história*, discute sobre o ensino e aprendizado de História e a tarefa de desenvolver o senso crítico dos alunos estimulando-os a perceberem a História como uma forma de leitura do mundo, afastando-se de uma escola que ainda possui permanências da Escola Metódica, em que o ensino era transmitido verticalmente, por meio da relação de poder e memorização dos conteúdos, datas e personalidades políticas.

É feita a indicação do uso de metodologias como *Aulas Expositivas e Dialogadas* em que o protagonista passa a ser o aluno, apoiado, motivado, orientado e avaliado pelo professor, que passa a assumir o papel de mediador e que constrói o conhecimento juntamente do estudante; também é sugerido a *Aula Oficina*, em que o conteúdo pode ser abordando de forma investigativa, por meio de pesquisa e utilização de fontes históricas referentes a uma determinada temática. Essas propostas são definidas como *Metodologias Ativas*, em que o estudante é estimulado a questionar, construir um pensar científico, crítico, criativo e autônomo. Além disso, é destacado que o conhecimento histórico produzido em sala de aula não pode ser dissociado das necessidades da vida prática do educando, sendo necessário o desenvolvimento de uma relação de identificação e de pertencimento com o saber histórico. Dessa forma, estabelece-se a construção de um processo dinâmico em que requer um professor agente e um educando participativo.

O segundo capítulo, *O Ensino de História e o Patrimônio Cultural: possibilidades da educação patrimonial nos livros didáticos de História*, analisa as possibilidades de se abordar a temática do Patrimônio Cultural em determinados conteúdos da História do Brasil presentes nos livros didáticos de História utilizados na educação básica. O texto compreende essa metodologia de ensino como fundamental para o desenvolvimento do conhecimento histórico e para o fortalecimento da cidadania e das identidades coletivas. Através do patrimonialismo é possível fazer o trabalho de conscientização dos alunos, proporcionando-os conhecimentos sobre a história local e do patrimônio histórico. Entende-se que a preservação desses elementos é uma missão educativa, que permite o conhecimento sobre o passado nacional e o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos cidadãos.

A Educação Patrimonial é compreendida como um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo a leitura da sociedade da qual ele está inserido. Entretanto, o capítulo traz como argumentação o fato de que os livros didáticos abordam a temática do patrimônio cultural de forma indireta, utiliza-se de imagens para dar ênfase ou complementar os textos escritos. Uma das alternativas apontadas para romper com esse tipo de abordagem seria a utilização das imagens, pinturas e fotografias de monumentos, como também das formas de expressão, que corresponde aos modos de criar, fazer e viver. Porém não fica claro de que forma esses

recursos podem ser utilizados e quais seriam as metodologias que devem ser aplicadas para o desenvolvimento da proposta pedagógica. Essa possibilidade é apresentada somente no item da conclusão de forma muito breve, pois seria interessante que ela fosse construída ao longo do texto para dar suporte ou subsídio ao leitor/professor interessado em trabalhar a temática em sala de aula.

O terceiro capítulo, *A Inserção de Filmes na Narrativa Histórica do Livro Didático: uma proposta de desenvolvimento da Consciência Histórica a partir do entretenimento*, abordou o uso de filmes no ensino de História, utilizando-se daqueles indicados pelo próprio livro didático em diálogo com imagens e músicas. A proposta consiste em ir além da habitual e discreta indicação no rol de materiais complementares ao fim dos capítulos. O texto destaca que a produção cinematográfica se configura como uma interessante alternativa para trabalhar a consciência e o aprendizado histórico, podendo ser feito de forma paralela e com o uso do próprio livro didático.

Apesar dessa proposta pedagógica ser válida ao ensino de História, ela foi pouco trabalhada no capítulo, o qual teve um maior debate no que se refere à construção e produção do livro didático e consciência histórica, na perspectiva de Jörn Rüsen. São debates pertinentes, mas não deveriam ter recebido o papel central no texto. O trabalho de aplicação de filme no ensino aparece somente em uma lauda. Além disso, o texto carece de uma literatura sobre a produção cinematográfica e da utilização de filmes como recurso didático. Por fim, considero que o professor de História não pode tratar o filme como entretenimento, como bem explícito no título do capítulo, essa perspectiva se aplica a outras áreas. A História como ciência considera o filme como documento, já na sala de aula ele é um recurso didático.

Entre Análises e Propostas: a temática da escravidão e imagem do negro nos livros didáticos de História, é o quarto capítulo, o qual está dividido em três partes: primeiramente trata do conceito de imagem, suas diferentes abordagens e sua relevância ao ensino de História. Em seguida, é trabalhada a temática da escravidão e da sua influência historiográfica nas narrativas didáticas e, por fim, é apresentada uma proposta de aprendizagem histórica, que consiste no uso de imagens correspondente à temática da escravidão no Brasil e à representação do negro, tendo como suporte o livro didático.

O texto a todo momento se preocupa quanto ao uso das imagens, pois elas exigem dos professores um tratamento metodológico adequado a fim de que sua utilização não se limite ao aspecto ilustrativo, para isso, é utilizado no texto de forma bem apropriada os aportes teóricos, metodológicos e historiográficos sobre a temática. Ainda é destacado que apesar da existência da Lei 10.639/03, a luta pelo reconhecimento da cultura na formação do povo brasileiro e a luta contra o racismo, ainda não é observado nas escolas mudanças significativas advindas dessa política educacional, por isso a importância da realização de trabalhos como este. O capítulo proporciona ao leitor/professor um Plano de Atividades, com “sessões de debates” e o encaminhamento destes por meio de perguntas reflexivas sobre as imagens trabalhadas, no final há a “sessão escrita” que estimula o aluno a construir narrativas do que foi trabalhado e do conhecimento que foi construído.

O capítulo cinco, intitulado *Por Uma Educação das Relações Étnico-Raciais: limites e possibilidades de um livro didático para o estudo da História e Cultura dos Afro-Brasileiros nos Pós-Abolição*, teve como objetivo analisar a importância da educação das relações étnico-raciais para a valorização da história e da cultura dos afro-brasileiros no Ensino de História. O texto possuiu como preocupação avaliar os documentos oficiais do Governo brasileiro, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) e o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2020), analisando de que forma eles contemplam a história e cultura da população negra ou se visam uma educação voltada às relações étnico-raciais. É focado que historicamente essa temática esteve invisibilizada nos livros didáticos, como observado nos conteúdos que se referem ao período do pós-abolição no Brasil. Essa situação é problemática porque alimenta os preconceitos e discriminações no âmbito educacional.

Foi constatado através da análise que além da invisibilidade, os negros quando representados aparecem como pessoas sujas, malvestidas, deseducadas e ocupando funções subalternas na sociedade, geralmente associados a situações de “vagabundagem”. Por isso é chamada a atenção para a necessidade de propostas de ensino que verse sobre a história e cultura dos negros no Brasil e que essa discussão transcenda o livro didático, utilizando-se de recursos como jornais, fotografias, entrevistas e museus, que possam desenvolver o aprendizado crítico dos alunos. Por fim, o texto trabalha com o conceito de *necromemória*, perspectiva presente em toda a

narrativa, a qual defende que os livros didáticos têm apresentado a história e a cultura dos afro-brasileiros de maneira necrosa, deformada e carregada de estereótipos, generalizações e imprecisões, como bem demonstrado nos livros selecionados para a análise.

Educação Patrimonial e Ensino de História: uma fronteira compartilhada para a aprendizagem histórica é o sexto capítulo que apresenta e debate alguns aportes teóricos referentes ao campo da Educação Patrimonial, ensino de História e didática da História, estabelecendo a diminuição de fronteiras sobre essas áreas. Possui como objetivo construir um ensino comprometido com o processo de aprendizado histórico e não resumido apenas a uma aula extraclasse no Centro Histórico da cidade ou em museus, como é comum nas escolas, em que os alunos não inseridos a uma reflexão sobre suas próprias referências culturais, do local onde moram ou sobre o entorno da escola.

Dessa forma, é debatido de forma muito apropriada que a Educação Patrimonial pode exercer um importante papel em instigar a consciência histórica em crianças e jovens, porque ela compreende o patrimônio como herança e, como tal se inclui numa dimensão de futuro que precisa ser considerada. O ensino de História articulado à Educação Patrimonial oportuniza aos envolvidos aprimorar a consciência histórica, a qual permite a relação do aluno com o grupo, ou seja, com a sociedade da qual ele faz parte. Depois dessas contribuições, o capítulo nos apresenta uma vivência docente que consistiu em uma visitação no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), a prática teve como objetivo despertar nos alunos e na sociedade o senso de preservação da memória histórica por ser um local de grande acervo documental.

O sétimo capítulo tem como título, *O caminho das abordagens históricas no livro didático*, em que é discutido acerca da prática docente, da sua autonomia para a escolha de materiais didáticos e quais são os critérios usados para a seleção dos conteúdos históricos. O texto faz uma revisão bibliográfica sobre a temática, baseada nas ideias e concepções de teóricos e autores especialistas no ensino de História. É feita uma crítica aos professores que utilizam o livro didático como única fonte de referência, deixando-o em uma posição elevada, como única fonte do saber. Além disso, é destacado que o livro didático deveria passar cada vez mais por interpretações, análises e críticas.

O texto defende que o professor deve perceber o livro didático como uma ferramenta para auxiliar o seu trabalho, utilizando os conteúdos contidos neles de forma que os alunos possam problematizar e desmistificar vários dos preceitos e preconceitos que se encontram nesse recurso didático, não simplesmente usar o livro didático como imutável e representante único do que há escrito em suas páginas. Como resultado da análise, foi concluído que o caminho percorrido pelo professor de História tem sua ancoragem no livro didático, embora que em muitos casos ele apresente defasagens, porém é o que está no alcance de muitas escolas e profissionais.

O oitavo capítulo, *História, Didática e Estágio: construção de e-book como alternativa para o ensino remoto da rede municipal, em São Luís, e a experiência de Estágio Supervisionado no Curso de História – UEMA*, discute e apresenta possibilidades didáticas para o ensino de História, logo após as vivências e experiências apreendidas no contexto de pandemia. Foi perceptível quanto ao uso do livro didático em uma modalidade de ensino remoto emergencial que a sua função na cultura escolar pública foi ainda mais potencializada. Devido ao distanciamento físico, os professores passaram a organizar diferentes formas de utilização dessa ferramenta, como construção de roteiros de estudos, planos de aulas específicos, incentivo à leitura e à auto instrução. O texto traz como proposta a adaptação do livro para um formato digital, em *ebook*, que se apresente de forma interativa e adaptada às necessidades do ensino remoto.

Por fim é analisado os Relatos de experiências, registrados nos relatórios dos alunos do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) durante a pandemia, em que pode ser constatado que pelos estagiários não terem tido uma formação para a modalidade remota, eles necessitaram do apoio dos Supervisores de Estágio, já que também seus professores tiveram pouca formação com esse tipo de ensino. Em seus relatos foi possível concluir que o espaço profissional exigirá deles mais formação para a utilização de recursos tecnológicos, apesar disso, na maioria dos relatórios foi perceptível que a experiência do ensino remoto foi positiva.

Em “Campo” a História do Maranhão: driblando as dificuldades para o ensino de História do Maranhão é o nono capítulo da coletânea, o qual aborda de forma muito criativa a relação do futebol com o ensino de História do Maranhão, utilizando-se de metáforas ou a própria linguagem desse esporte para aproximar estas duas áreas. Além disso, é um texto muito bem escrito, que *a priori* o leitor pode estranhar a temática

relacionada ao ensino, mas o autor a todo momento o convence do quanto esses campos podem contribuir para História do Maranhão, *driblando* os percalços existentes na Educação Básica.

O capítulo aborda que atualmente vivemos em estado de abandono no que diz respeito ao ensino de História do Maranhão, disciplina que não é mais obrigatória no ensino, não fazendo parte do currículo do Estado. Com a propagação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pode-se perceber que a História do Maranhão ficou em um patamar inferior, uma vez que, esta modalidade avaliativa adota um viés mais generalista e uniformizador em detrimento do regional/ local. Em contrapartida esse conhecimento é cobrado dos estudantes nos vestibulares e concursos, porém não há livro sobre a História do Maranhão, nem a disciplina e muito menos tempo hábil para cumprir um conteúdo tão extenso quanto o exigido. Dessa forma, o texto nos chama atenção e nos faz refletir como o currículo afasta os estudantes de suas realidades e história, e do quanto os professores precisam unir forças para mudar essa realidade no Ensino Básico do Maranhão.

O décimo capítulo, *Livro Didático: uma análise sobre o silenciamento de narrativas sobre a diversidade das sexualidades* traz uma reflexão do porquê o livro didático faz uma seleção de discursos, privilegiando determinadas memórias e silenciando outras. O texto adverte que a inclusão desses temas em sala de aula é de extrema importância por nos permitir enxergar individualidades historicamente marginalizadas. Essa marginalização tem como consequência um ambiente de preconceito com sujeitos cujos corpos não se adequam aos parâmetros histórico e socialmente impostos. Além disso, a escola, quando se trata de debates sobre gêneros e sexualidades, geralmente, desenvolve um ambiente de tabu, medo e até repressão.

O livro didático é um reflexo da teia de poder existente na sociedade que preconiza uma narrativa majoritária oficializada pelas instituições nas quais eles estão pautados e inseridos com o objetivo de manter uma ordem social. Dessa forma, considera-se que assim como as palavras impressas são importantes nos livros didáticos, também o são aquelas que são silenciadas, pois existe uma intencionalidade nesse silenciamento, evidenciado numa disputa de memórias. O capítulo é finalizado com a reflexão de que é necessário um olhar revisionista sobre os livros didáticos, para que eles insiram memórias invisibilizadas ao longo do tempo, a fim de reforçar o debate nas

salas de aula sobre uma sociedade mais justa e igualitária, que preconize o respeito às diferenças e solidariedades entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

O último capítulo, *Notas sobre o Ensino de História em tempos de pandemia* destaca as adaptações no setor educacional brasileiro em um contexto atípico, além das transformações, mudanças e desafios. É destacado o quanto as instituições públicas tiveram dificuldades em estabelecer uma metodologia de trabalho que garantisse o atendimento das demandas escolares. Isso se deu principalmente ao fato de que a relação ensino aprendizagem no Brasil ainda é marcada pela presença de recursos educacionais básicos e de metodologias tradicionais, havendo pouco acesso às tecnologias.

É relatado que esse processo foi muito mais forçado e violento do que uma reinvenção ou adaptação como foi sugerido na época, essa realidade foi vivenciada pelas pessoas que integram o corpo educacional, mas sentida de forma intensa pelos professores, os quais apresentaram dificuldades de lecionar, devido possuírem uma formação diferente daquela que era exigida no momento. Entretanto, foi destacado a necessidade de ser criado um ambiente mais aberto e acolhedor, que favorecesse os vínculos e não reforçasse as frustrações já vividas pelas limitações tecnológicas.

Por fim, considero que o livro *Educação Histórica: entre o ensino e a pesquisa* (2022) possui sua relevância aos estudos históricos e ao ensino de História, podendo ser uma referência aos professores que necessitem de recursos ou propostas pedagógicas que possa auxiliá-los em sala de aula com o objetivo de construção do conhecimento histórico. Ressalto que o ponto central ou diferencial do livro está nas propostas pedagógicas, oficinas ou relatos de experiência, porém em muitos casos esse aspecto foi minimamente trabalhado pelos autores, havendo pouco espaço para essa discussão. Além disso, em alguns casos é perceptível a necessidade de revisão do texto, no que se refere à gramática e as regras da ABNT, mas são elementos que não influenciam na qualidade do texto.